

OS OLHOS DA SOLIDÃO

Valter da Rosa Borges

Os Olhos da Solidão

Recife
Edição do Autor
2014

Copyright © 2014, Valter da Rosa Borges

Projeto gráfico-editorial:
Salete Rêgo Barros

B732o Borges, Valter da Rosa, 1934-
 Os olhos da solidão / Valter da Rosa Borges.
 – Recife: Ed. do Autor, 2014.
 165p.

1. POESIA BRASILEIRA – PERNAMBUCO.
I. Título.

CDU 869.0(81)-1
CDD B869.1

PeR – BPE 14-288

Produção:

Novoestilo Edições do Autor
Rua Sérgio Magalhães, 54 – Graças – Recife-PE
Fone 81 3243 3927
saleterb@globo.com

Na solidão, vejo melhor.
As pessoas me distraem o olhar.

Mais pesada que o não,
Mais pesada que a solidão
É a vida vivida em vão.

A solidão não aplaca,
Do vão prazer, a ressaca.

A excessiva convivência com os outros
É nociva.
Mas, a solidão desnecessária
É pior.

A solidão, às vezes,
É quase uma pessoa.

Na solidão ensurdeço-me
Dos ruídos do mundo.

Somente na solidão
A sinceridade não é perigosa.

A vida a dois:
A mais difícil
Das relações humanas.

Eu tenho uma fé profana
Nas pessoas que amo.

Pensadores petulantes:
Não sabem administrar sua vida
E querem organizar o mundo.

Inventario-me.
Sou o único herdeiro
De mim mesmo.

Filosofo o cotidiano.
Afinal, eu vivo aqui.

Livro novo, objeto sensual.
Prazer da visão
Do tato e do olfato,
Mas nem sempre da mente.

Não somos iguais.
Apenas semelhantes
Ou diferentes.

Árvores, parentes vegetais.
Por isso, essa alegria verde,
Quando estou entre elas.

Sinceridade: às vezes, desagradável.
Às vezes, perigosa.

Sou otimista ou pessimista
Em cada situação específica.

O amor é o regaço
Onde melhor descansamos
Do cotidiano cansaço.

O adjetivo: uma opinião.
O substantivo é neutro.

Não perceber o tempo.
Será isso a eternidade?

Nas catedrais das certezas
Sou, às vezes, iconoclasta.

Cada poeta é herdeiro
De todos os poetas mortos.
Dispensa-se o inventário.

Todos os versos possíveis
Ainda não foram escritos.
Precisamos de mais poetas.

Não visito poemas:
Eles é que me visitam
Sem avisar-me.

A poesia - ópio de palavras.
Quem a experimenta
Se vicia.

Ninguém é sábio
Por antiguidade.

Mais do que conhecimentos,
Acumulei dúvidas.

A televisão é o circo
Da festiva mediocridade.

A mentira é como o Bombril:
Tem mil e uma utilidades.

A juventude é de graça.
Mas a velhice tem preço.

Nem sempre estamos de acordo
Com o que quer nosso corpo

Mesmo nas árvores velhas
Se abrigam
Os passarinhos.

Um dia, descobri em mim
O adulto escondido.
Foi o meu pecado original

Há quem viva esse contraste:
Corpo em roupas de luxo,
Alma coberta de traste.

O cochilo é um sono anão.

Não há poder maior
Do que o de quem
É amado por muitas pessoas.
Das ditaduras, os lacres
Ocultam os massacres.

O amor tem medida:
Comporta poucas pessoas.

A mediocridade improdutivo
Se beneficia
Dos frutos da inteligência.

Não há ninguém que sucumba
Vitimado por macumba.

Tudo o que não fomos
São fantasmas de corpos
Que não nasceram.

No ócio criativo
Há muito o que fazer.
Mas o trabalho atrapalha.

Há momentos em que sou
Paisagem que observa.

Há fatos viscosos,
Que ficam grudados
Na memória.

A presença da pessoa amada
Ocupa todo nosso ser.
Já não somos nós.

De Ícaro ao avião,
O sonho de voar
Não foi em vão.

Uma casa povoada
De retratos de pessoas mortas.
Fantasmas protetores
Habitando as paredes.

Se o sapo é poeta
(como um poeta me disse),
Quem traduzirá seus coaxos?

Não adianta o lamento:
A cova é
O arquivo do esquecimento.

No jardim do mosteiro
As plantas parecem
Monges vegetais.

Em minha torre de marfim,
Plantei um jardim
Dentro de mim.

A mão se abriu
Como uma flor desabrochando
No galho do braço.

Cada vez mais coisas.
As pessoas
Já não são importantes.
Aposentado o cão.
O melhor amigo do homem –
O robô.

Quanto mais pessoas,
Menos pessoas visíveis.

Sexo fácil.
Amor difícil.
Paixão “fast-food”.

Os rituais induzem curas.
Felizes os pobres de espíritos:
Não necessitam pensar.

Com as palavras,
Criamos o nosso mundo.
O Paraíso era ágrafo.

Apiedo-me das pessoas,
Que são imunes à arte.
Não sabem o prazer dessa doença.

Nas coisas que amamos,
Deixamos nossa presença.
No futuro, serão fantasmas,
Assombrando seus novos donos.

Sentia-se ignorado
Com a planta que nasceu
No canto escuro de uma parede.

A procissão desfila pelas ruas.
Uma enorme serpente,
Feita de pessoas de fé.

As igrejas barrocas me comovem.
Dispensam teologias.

A alma se alimenta
De tudo o que ama.

Mesmo a simples impressão
De que somos amados
Nos faz felizes.

Tudo agora é quântico.
O que será o amor quântico?

A ideia é o fato
Que ainda não nasceu.

A luz filtrada,
Através dos vitrais,
É mais do que a luz que vemos.

Uma saudade de chumbo
Faz a alma cifótica.

Há paixões vitalícias.
Só nos desocupam
Quando morremos.

Os álbuns guardam
Os que já fomos
E os que já foram.

Não confie demais
Nos seus trilhos.
Os trens descarrilham

É melhor a justa fúria
Do que a inútil lamúria.

Tédio: a vida em suspensão.
Aguarda-se o seu retorno.

Pior que o amor desfeito,
É o amor que não foi.

Assim como a escuridão,
O excesso de luz nos cega.

Noite insone.
Busco, no sonho,
O meu clone.

Sou filho da criança que fui.
Por isso sinto sempre
Saudades do meu pai.

Meditar é estar ausente,
Mesmo na companhia
Dos outros.

Como um pianista, a chuva
Toca seus dedos de água
No teclado das telhas.

A torneira do tempo
Gotejando os segundos.
Priva-nos de ouvir
A eternidade.

Tão íntimos
Que não mais se percebem
E monologam entre si.

A velha mobília
Guarda no seu verniz
A memória da família.

A luz do Sol me alumbra;
Mas meu misticismo
Aflora na penumbra.

Quem não teve uma paixão
Não sabe o que perdeu.
E quem perdeu uma paixão
Nunca mais a esqueceu.

A dúvida nos liberta
Do cárcere da certeza.

Somos temporais.
Não podemos saber
O que não é tempo.

Vizinhança vertical.
Moradores invisíveis
Se encontram no elevador.

Será que, no futuro,
As pessoas serão apenas
Quimicamente felizes?

O corpo da bailarina,
Em voo de ave, fascina.

Às vezes, ser irônico,
Funciona como um tônico.

A sereia é um peixe
Que, da mulher que quis ser,
Só conseguiu a metade.

Vivemos num mundo de coisas.
Quase não vemos pessoas.

Sejamos, na vida, mais
Do que simples comensais.

Incomoda-me que as pessoas
Esperem algo de mim.
Não quero essa obrigação.

A velhice só é boa
Quando nos sentimos livres
Como as crianças.

Se, um dia, houver autoclonagem,
O novo corpo levará o velho
Saudosamente para o cemitério.

Não há agasalho
Para uma alma
Nua de afetos

Um coração de granito,
Da pressão da dor do mundo,
Não sente o atrito.

Um coração volúvel
É, nas paixões, solúvel.

Almas de silício
Comprazem-se no cilício.

A experiência da ascese
Dispensa a exegese
Da teologia.

A semente sonha a árvore
Que, um dia, será.
A árvore sonha a semente
Da qual ressuscitará.

A terra – a anti-mãe –
Devora seus filhos mortos.

Do que se amou, pesa a carga
De uma saudade amarga!
Viver o mistério é mais importante
Do que a tentativa de explicá-lo.

Sempre fazia as coisas
Sem escutar a voz do coração.
A mente era surda.

O milagre é o acaso disfarçado.

Lembrar os amigos mortos
Sempre nos faz bem.
Mesmo que não haja sobrevivência.

Novos amigos
Para ocupar o afeto
Dos amigos falecidos.

Era um materialista.
Um dia, contraiu a fé
E não se curou.

O girassol,
Apaixonado,
Só olha o Sol.

Saudade do que fui.
Do que não fui.
Do que não serei.

Desconfio de elogios.
Fica-me sempre a dúvida:
Gentileza ou hipocrisia?

Queria ter muitos braços
Como o polvo
Para abraçar-te.

A chuva me molha,
Mas a saudade
Persiste seca.

Andam sempre de mãos dadas.
O amor os tornou xifópagos.

Um dia, jovens, se encontraram.
Namoraram, noivaram, casaram.
Tiveram filhos, netos, bisnetos.
Envelheceram e morreram.
Ninguém se lembra mais deles.

Há momentos
Em que o eu me incomoda.
Busco o vazio.

Obrigo-me ao mínimo.
É o meu direito.

Jesus, braços abertos,
No Corcovado,
Não o triste Jesus
Crucificado.

Tudo acontece
Somente uma vez.
Inútil a imitação.

Se o prazer gangrena,
Viver não vale a pena.

Só há gurus
Para os guris.

A manhã nasceu muda.
O galo da vizinhança
Morreu.

Ao chamego.
Ao aconchego.
Não há quem não tenha apego.

A alma do cão ronda
A casa onde mora
O saudoso dono.

Como será, no futuro,
O amor de uma máquina,
E o amor a uma máquina?!

Olhou uma mulher e viu
Uma antiga namorada
Vestida de passado.

Há momentos em que nossos sorrisos
Nos fazem parecer uma criança feliz
Escutando o som de guizos.

Procuro ser muitos
Para não me cansar
De ser um só.

Pedaços de tempos
Irreconhecíveis:
Falha da memória.

O monge podendo,
com as tentações da carne,
não está podendo.

O sapo apaixonado
Só vê a companheira.
Os insetos comemoram.

Há sempre um instante,
Que nos deixa uma nódoa
Que jamais se apaga.

A densa fumaça
De uma súbita saudade
A visão embaça.

No banho, ela sente,
Na carícia do sabonete,
Uma paixão ausente.

É preciso saber perder,
Sem se arrepender,
Arriscar é necessário.

A ardente paixão derrete
A alma, como se ela fosse
De espermacete.

O peixe no aquário
Sonha oceanos.

A morte não tem dó.
Transforma tudo o que é vivo
Na igualdade do pó.

Pobres átomos
Perpetuamente presos
Nas múmias.

Decidi a cremação
Para a libertação imediata
Dos átomos que fui.

Ninguém se perdoa
Do tempo perdido
Na juventude.

O autêntico herói
Na dor se constrói.

Nada existe em vão.
De que serviria a luz
Sem a escuridão?!

Nada está perdido,
Mas desconectado
De nossa memória.

Um dia, voltaremos ao mar
De onde saímos.
A terra já não nos caberá.

Multidão exaltada:
Corpos sem cérebro.

A arte não explica o mundo:
Embeleza-o.

O desejo de paz
Jamais se esgota
E ressuscita
Em cada derrota.

Do amor que me tinhas
(Sempre soube)
Era tão imenso
Que em mim não coube.

De tudo que me alimento,
Incluo meu pensamento.

A Lua Cheia sua
Sua luz sobre a rua.

Árvore do Universo, onde
Começa a tua fronde?

Dos mistérios, busca-se a causa,
Em séculos de indagação
Sem pausa.

No êxtase da música,
Não penso em Paraíso:
Estou nele.

No mais profundo silêncio,
Podemos escutar
O vozerio dos átomos
E o diálogo das galáxias.

Ninguém é Atlas
Para sustentar
O peso do mundo.

Quem sou, quando sonho?
O meu anti-eu,
Suponho.

Somos átomos passageiros
Que se reproduzem.
A morte – átomos estéreis.

Na sucessão dos fatos.
Muitos serão esquecidos,
Ou nem sequer conhecidos.

Não se prepare para o poema:
Ele é uma visita inesperada.

Os vivos e os mortos,
Juntos no mesmo álbum.
Nunca estão sozinhos.

Não que as coisas tenham alma,
Mas elas fazem parte da família
Quando são estimadas.

Se tudo muda,
não somos confiáveis.
Por que os fatos do mundo o seriam?

Precisamos de máscaras
Para conviver com outros
Em paz.

Um mundo melhor: uma promessa milenar.
Será, um dia, cumprida?
Até hoje, profetas e salvadores se enganaram.
Ou nos enganaram?

Inquilinos da vida,
Um dia, seremos despejados.
E sem aviso prévio

O ópio do poder.
Os ditadores
Sempre estão drogados.

Templos, igrejas e mesquitas
Oferecem salvação. Os crentes
São clientes fieis.

Somente a riqueza material é visível.
Por isso atrai as pessoas.

Pre vemos o futuro? Ou o inventamos?

Utopia – imaginário lugar
Dos desesperados do mundo.

Há momentos em que fico a esmo,
Perdido no infinito de mim mesmo.

O vilão é tão famoso quanto o herói.
E, às vezes, mais admirado.

Serão sempre os gênios
As luzes dos milênios.
Mas o povo é cego.

O horizonte parece
Uma ponte curva
Sem ninguém.

Este mundo é um vasto
Campo de bois no pasto.

O mal no mundo. Inclusive,
Em nosso íntimo vive.

Somos um ourives
Que nem sempre sabe lapidar-se.

As coisas abandonadas
Pelo dono que morreu.
As coisas órfãs...
À espera do dono que morreu.

Lidar com os fatos,
Com as pessoas,
Com nós mesmos.
O que é mais difícil?

Enterro do Coveiro:
Vingança dos vivos.

Quase sempre faltam pregos
Para crucificar tantos egos.

É na velhice
Que os dias são preciosos.
A juventude é pródiga.

A castidade deveria ser
Um dos pecados mortais.

O robô que se fabrica
É o mesmo que há em nós.

Nem sempre temos escolhas:
A ventania do acaso
Nos arrasta como folhas.

Moderno Prometeu,
O tempo nos acorrentou
Nos relógios.
Quem nos libertará
Do abutre de cada dia?

Infeliz matrimônio.
Vida em manicômio.

O mais implacável ateu
É aquele que, um dia, creu.

Os médicos estão perdendo
Seu poder de feiticeiros
As máquinas os substituem.

A dor nos ensina. Colhei-a,
Mesmo que seja a dor alheia.

Quando me faço vazio
De mim mesmo, me recrio.

Das paixões, as brasas
Queimam as nossas asas.

A morte come
O corpo, o nome
E o renome.

Nem sempre os bens
Nos fazem bem.

Dizem que não morremos,
Mas nos encantamos.
Quem nos desencantará?

O pesadelo
É o sonho
Que enlouqueceu.

O TALVEZ sempre no muro:
Não decide ser sim,
Não decide ser não.

No nosso DNA,
A memória
Milenar da humanidade.

Pietá: um amor de mãe
Feita de mármore.

Na fúria da ventania,
A árvore chora folhas.

A interminável gangorra:
A vida sobe, a morte desce,
A vida desce, a morte sobe.

Das altas montanhas, no pináculo,
A paisagem é sonho e espetáculo.

Ao meio-dia, o Sol
Cobre de luz a Terra
Com invisível lençol.

A solitária moldura
De um retrato ausente.

Um silêncio denso,
Imenso, esmagador,
Sem ninguém.

Alice, onde é a porta do espelho?
Estou preso na realidade.

A presença de tua ausência
Irreversível
Não me abandona.

Às vezes preciso
Fincar-me em mim
Para não sair do agora.

Acometeu-me um perfume
Sem onde e sem quando.
De que ou de quem?

A liberdade nunca deve ser maior
Do que o que podemos fazer com ela.
Liberdade que sobra é inútil.

Nem sempre estamos no ponto,
Ou não estamos prontos
Para um amor repentino.

Esvaziei todas as gavetas.
Joguei lembranças no lixo.
Mas a memória tudo guardou.

A pior lepra é a da alma:
Contagia as mentes predispostas.

Não sei ficar sisudo.
Contraria o que sou.

Ainda não vi o rosto
De um santo sorridente.
Sorrir é pecado?

Os índios fumavam
O cachimbo da paz.
Por falta de cachimbo,
O mundo não tem paz.

Para preservar
O patrimônio do meu passado,
Tombei algumas memórias.

A casa em que eu nasci, tinha um sótão.
Era o lugar mais alto da minha infância
De onde eu espiava o mundo.

O tempo está levando os meus cabelos...
Sinto uma conformada saudade capilar.

Quando, pela primeira vez,
vesti calças compridas,
Me senti orgulhoso
De ser promovido a rapaz.

Compartilhamos memórias.
Quando um de nós morre,
Perdemos uma parte delas.

Em cada amigo meu,
Há uma versão diferente de mim.
Nem mesmo, em mim, sou um.

Ainda bem que a memória é gasosa.
Se fosse sólida, nos esmagaria.

As lágrimas represadas
Apodrecem na alma.

Excesso de opções
Nos confundem:
Podemos fazer escolhas erradas.

Para conhecer meu íntimo,
Fico, cada vez mais, ínfimo.

Mesmo na paisagem
De um poluído rio,
A beleza das palafitas.

Lama e despejos.
E a alegria
Dos caranguejos.

A lagartixa,
Balançando a cabeça,
É um sim réptil.

O voo pequeno
Das aves na gaiola.
Asas frustradas.

O papagaio do bordel
Falava o nome das putas
E conhecia os clientes.
Quando morreu,
Ninguém fez sexo
Naquela noite.
O bordel estava de luto.

Marujos americanos desembarcados
Conquistavam as pensões alegres
Do bairro do Recife.
Clientes brasileiros dispensados.

No cemitério, o cão
Vigia a cova do dono.
Espera a ressurreição?

Os sonhos são como os cabelos,
Mesmo cortados,
Crescem de novo.

Os becos estreitos:
As pessoas mais próximas,
Enquanto passam.

A doença tem suas compensações.
O enfermo
É o centro das atenções.

No quintal da minha casa.
Em noite de Lua Cheia,
A velha benzedeira,
Maria do Terço,
(Molhada de luar),
Contava à meninada embevecida
Histórias que ela inventava.

Os fortes trovões do Recife,
Anunciados por relâmpagos.
Eram meu êxtase.
Hoje, morreram quase todos
E os que restaram são raquíticos.

A grande cheia do Recife.
Os bairros alagados.
Na Estrada dos Remédios,
Uma placa na casa, após a cheia:
“Vende-se essa merda”.
Tapacurá nos salvou.

Os bondes não existem mais.
Assim como os navios,
Deveriam existir
Bondes-fantasmas,
Circulando
Nas madrugadas do Recife.

O general Dantas Barreto,
Quando virou avenida,
Rasgou, pelo meio, o corpo
Do bairro de São José.
E demoliu, com fúria tratoral,
A Igreja dos Martírios.

As santas e os santos presos
No santuário da casa.
O que eles fizeram?

Na minha juventude, os quintais
Me causavam surpresas vegetais.

Os fantasmas abandonaram o Recife.
Os vivos ocuparam
Todos os espaços da noite.

Na Natureza, não há sucatas:
Nós é que inventamos o inútil.

Música, o unguento
Que alivia o sofrimento.

Nos lagos mansos,
Nadam serenos
Os cisnes e o gansos.

Que tal esse bordão:
A melhor das primas
É a do violão?!

O importante não são as coisas,
Mas o que imaginamos
Sobre elas.
Uma coisa só coisa
É apenas uma coisa.

As coisas visíveis nem sempre o são
Porque não são olhadas.
Há quem veja melhor as invisíveis.

O verso e o reverso das coisas
Enriquecem o olhar.

O tempo traça
aleatórios caminhos,
Qual uma traça.

Pobre alma servil,
Tua existência
De que te serviu?!

Cada relógio de pêndulo,
No seu tique-taque,
Tem o seu próprio sotaque.

O cacto sempre armado
De espinhos.
Paranoia vegetal.

Os mortos esquecidos...
Talvez alguns deles
Sejam santos anônimos.

Para alguns vaidosos
Até seus sofrimentos
São virtuosos.

A castidade
Não espiritualiza.
Neurotiza.

Este luar...
Este silêncio...
Perdi o endereço do meu corpo.

Tenho tanto amor à vida
Que, quando morrer,
Ainda estarei pensando
Que continuo vivo.

Nas noites de São João,
Fascinava-me com o fogo da fogueira
E do fogo dentro de mim.
Hoje sou fogo apagado e cinzas de saudades.
São João se esqueceu de mim.

Cinema com a namorada.
Por causa da escuridão,
Não conseguíamos ver o filme.

Se há pecados “inconfessáveis”,
O pecador está condenado
Por fraude no confessionário.

Ninguém paga
Pelo que faz em seus sonhos.
Eles prescrevem
Quando acordamos.

A beleza de um sacerdote
É a tentação das mulheres,
Doidas para pecar.

Nas Sextas-feiras Santas,
Os crentes beijavam as feridas
Do corpo de pedra de Jesus.
Ninguém se contaminava.
Milagre?
Ou micróbios convertidos
Ao Catolicismo?

A gente nunca deveria
Desaprender de ser criança.
Ser adulto, dói.

No apartamento de um hotel,
As coisas são sem ternura.
Não fazem amizade com os hóspedes.

Em cima dos telhados,
Ouviam-se os arrulhos
Dos pombos apaixonados.

As crianças gostam de Papai Noel,
Jesus, sovina, não lhes dá presentes.

Quando não me penso
Como corpo,
Sinto-me infinito.

Sempre sou surdo
Para ouvir absurdo.

Os medíocres escolhem
Ídolos para adorar.
Sem eles, nada são.

A guerra converte
A ferocidade em heroísmo.
O nacionalismo aplaude.

Os arrogantes cretinos
São humanos girinos.

Que terapeuta,
pode ajudar
O pedante apedeuta?

Todos os sonsos
São esconsos.
Adoram disfarces.

Vontade de mudar o mundo:
Comichão da juventude.
Mas é temporária
Como a catapora.

A mediocridade é um molde,
A que se ajusta
A maioria das pessoas.

É tragicamente cômico
Que o ideal de uma vida
Seja apenas o econômico.

Se a paixão já não arde,
Não a busque mais. É tarde.

O crente masoquista
Crê que o sofrimento
O reino dos céus conquista.

Saber e não fazer
É um saber inútil.

É fácil ser anônimo
Para se dizer o que pensa.

Às vezes, uma palavra
É o estopim de um poema.

Autores vivos e mortos
Moram nos seus livros
No condomínio das bibliotecas.

Desculpem-me os melancólicos,
Os saudosistas crônicos:
Não tenho vocação para ser triste.

Uma presença incômoda,
Como pesa! A mente
Fica corcunda.

Um novo dia
Nem sempre é um dia novo.
Pode já nascer velho.

A exposição demasiada
Ao sol da fama,
Pode dar câncer
Na epiderme da alma.

Velhice extrema:
Múmia viva
Fora do sarcófago.

Há quem seja uma fera adormecida,
Que sonha ser um anjo escondido
Sob forma humana.

Amo a vida que levo:
Não sonho ser longo.

Estoicismo moderno:
Vencer as tentações
Diárias do consumo.

Até uma boa vida
Tem feitos colaterais.

Fala-se tanto de paz.
Mas os líderes do mundo
Sofrem de surdez.

Uma planta no jarro
Traz a floresta
Para dentro da casa.

As megalópoles
São florestas
De feras urbanas.

Tablets e celulares:
Presença dos que estão ausentes,
Ausência dos que estão presentes.

Os edifícios cada vez mais altos.
Saudade do chão.

Do avanço tecnológico
Será uma grande obra
Renovar a nossa pele
Como faz a cobra.

Nasceu XX.
Agora é XY.
Nasceu XY.
Agora é XX.

Além das coisas
Inúteis que se guarda,
Nada é mais inútil
Do que o ódio.

O acaso quebra
A chatice da ordem.
Que bom não sabermos tudo!

Um momento de loucura
Também o tédio cura.

Vivemos à nossa superfície.
Quem já desceu
Aos subterrâneos de seu ser?

Quanto dos outros há em nós?
Quanto de nós preservamos,
Para manter a nossa identidade?!

Os braços querem ser asas.
Mas, os pés não entendem
Essa ambição

Procura-se o elixir
Para melhor viver
Do que só existir.

A nossa espontaneidade
Pode aborrecer os outros
Que nos querem previsíveis.

A liberdade excessiva
Às vezes embriaga
E dá ressacas de arrependimento.

Se a vida tem enredo
Sejamos, ao menos,
Um bom ator.
Afinal, a responsabilidade
É do autor.

A paixão nos prende às suas amarras.
O ódio nos fere com as suas garras.

Não adianta sutura
Nas almas despedaçadas
Pela amargura.

Seria insuportável
Uma felicidade indivisível.
Bom são os pedacinhos delas
Espalhados em cada dia.

Sou muitos,
Mas não brigamos:
Cada um de mim
Tem seu momento de aparecer.

- Se dói tanto o tédio,
O que dele fazer?
- Sede-o.

Se tudo muda,
Nenhum conhecimento
É confiável.

Conhecer os outros?
Nem sequer nos conhecemos.

O medo de esquecer
E a dor
De não poder esquecer.

Ninguém nos completa.
Não nascemos pela metade.
O amor é que nos dá essa ilusão.

Há livros que lemos gota a gota.
Outros, de um só trago.
Uns que relemos vez em quando.
Outros, nunca mais.

Quem a Vida
Não batizou
Vive pagão.

A beleza tem o dom
De absolver todos os defeitos
De quem a criou.

Quem não conseguiu ser o que é
Já está no Inferno.

O caos urbano nos viciou.
Não suportamos mais
Uma vida tranquila.
Ficamos entediados
Por carência de barulho.

Os bonecos de ventríloquo
Da opinião pública.
São sonâmbulos
Que pensam estar acordados.

Não temos obrigação
De ser sinceros
Em qualquer situação.
É melhor a proteção
Das mentiras habituais.

Há erros tão gratificantes
Que nós dá a vontade de repeti-los
E aprender, de novo, a lição.

Em qualquer regime,
Quem está no poder
Não é confiável.

Riqueza cada vez maior:
O que ela nos vai melhorar
Como seres humanos?!

A vida é sim e não:
Há momentos para a razão
E momentos para a emoção.

Afinal.
O que foi feito
Do Juízo Final?

De muitos, a consciência
Moral foi à falência.

A vaidade é sempre sincera.
A modéstia, não.

Há momentos que sofremos
Crise de credulidade.

Os bons conselhos
Têm admiradores
Mas poucos seguidores.

Ideias nos possuem.
Somos médiuns
Obsidiados.

Liberdade também é isso:
Um mínimo de compromisso.

De todas as minorias,
A dos ricos é a menor
E a mais poderosa.

Se há “pecado original”
Ele é um defeito incorrigível
Do nosso DNA.

Há pessoas com as quais
Não se pode dialogar:
Estão programadas
Como um computador.

A mídia fabrica medíocres
E é sustentada por eles.

Nenhuma ideologia é necessária.
Podemos viver muito bem sem elas.

As ideias perigosas
Fabricam seus mártires
Que se sentem abençoados

O que somos
Não precisa de proteção.

O meu tempo é valioso.
Não o gasto com qualquer pessoa
Ou atividade.

Os melhores hábitos
São aqueles que escolhemos
E não os impostos
Pela sociedade.

Se a vida é como um rio,
Poucos sabem nadar.

O caos é o momento criativo da ordem.
Quando desperta do sono da rotina.

O futuro não é garantia
Das promessas do presente.

Se todos somos um, que pena!
Poucos me agradam.

Quando medito, não estou.
Apenas sou.

O futuro são possibilidades.
Uma delas nos alcançará.

Não precisamos de universos paralelos:
Já vivemos vidas paralelas.

Há pessoas que nem sequer
São úteis a si mesmas.
Mas, são recicláveis.

A natureza, sem atributos.
E nós, com tantos tributos.

Procura-se
O que jamais foi pensado
No passado.

O que a fama nos melhora?
Ela apenas incha o eu.

As nossas teorias
São brinquedos de adulto.
E ficamos tristes
Quando elas deixam
De funcionar.

Rotina e criatividade:
Precisamos das duas.

A metafísica é um exercício de imaginação.
Daí, a sua beleza.

Os pés – antenas invertidas:
Captam mensagens do chão.

O que é o progresso?
Apenas um aumento de facilidades?

Anjos e demônios que conheço
Habitam a Terra.

O mundo nos seria diferente
Se árvore fosse apenas árvore,
A formiga, apenas formiga,
O homem apenas homem.

A estatuária é o gesto
Impermeável no tempo
E imobilizado no espaço.

Se tudo são aparências,
Convivamos com elas
Como se fossem verdadeiras.

Os mitos são sucedâneos
Do mundo insatisfatório.

A beleza embriaga:
Sou viciado nela.

Cada nova geração
Outra humanidade.
Nem sempre a melhor.

Só o presente tem chão.
O passado e o futuro não têm onde.

Há lugares e momentos
Que o passado nos possui.
Somos médiuns de nós mesmos.

A mão nada segura para sempre.
O temporário foge por entre os dedos.

Quem ama seu amo?

Promessa não é garantia.
O amanhã é apenas
Uma esperança.

Poucas lembranças restam
De tudo o que foi vivido. O tempo
Lavou quase toda a memória.
O esquecimento nos renova.

Uma árvore feliz
Está plena de folhas,
Flores e frutos...
E passarinhos.

Não há vacina contra
O contágio da dor dos outros.

Era um silêncio denso, pegajoso
Como um condomínio
De muitas solidões.

O humor é uma coisa séria
Que incomoda as pessoas sérias.

A escada de Jacob:
Por que não
Uma escada rolante?

Na terra do sono
Florescem sonhos.
Nem todos belos.

Não há fatos nus:
Estão todos vestidos
De ideias e símbolos.

As coisas pagãs
Só são visíveis
Quando batisadas.

Os pirilampos
São sonhos de estrelas,
Voando na escuridão.

O canto de um pássaro à janela:
Música com asas.

Verso sem estro
É sempre canhestro.

A pintura e a escultura
São imóveis.
A música não para de fluir.

Escureço quando fecho os olhos:
Minha noite particular.

Todos somos mortais:
Como é ser eterno?

Ninguém nasce culpado.
Somos culpados depois.

Quando as algemas afroxam,
Tem-se a ilusória sensação
De liberdade.

A dor que dói pouco
Não tem força de lembrança.

O *não* pode ser provisório.
O *nunca* é definitivo.
A esperança é *talvez*.

Rasgo velhas certezas.
Esvazio gavetas. A dúvida
Gera o vazio para
Se encher de novas certezas.

Ela me caotizou.
Em um só momento,
Perdi minha ordem.

Numa migalha do tempo,
Lembro um momento perdido,
Porque foi pouco amado.

O horizonte depende
Do tamanho do olhar.

Os rios do pensamento
Estão poluídos.
Garimpo ideias,
Mas quase sempre
Recolho cascalhos.

Somos um corpo mutante
Sempre modificável
Por pensamentos e emoções.

Imaginar é também
Uma forma de turismo.
Não necessitamos de guias.

O gênio é um erro
Na linha de produção
Das pessoas comuns.

Os pés do andarilho
Comandam o corpo.

Os livros guardam ideias.
Mas, a maioria
Apenas palavras.

Sou mais ilha do que continente.
O oceano me isola e protege.
Às vezes, me faço península.

Mais do que dos corpos
Muitas ideias nos separam.

O encantamento está além
Da verdade e da mentira.

Palavras despudoradas:
Vivem em clandestinidade
Nas pessoas educadas.

O que não reciclável.
É um pária na natureza.

O rio do tempo passa
Levando sonhos e fatos.

Andar sem destino
É um modo de escolher
Lugar nenhum.

Gosto de brincar
Com paradoxos e absurdos.
A lógica é enfadonha.

Dissolvo-me no êxtase,
Meu Nirvana temporário.

Vida substantiva:
Vida sem adjetivos.

O balouçar de um barco:
A sensação de esquecido berço.

Em estado de criança,
Me sinto livre.
O adulto é quase robô.

Gosto de falar-me.
Assim, nunca estou sozinho.
São sempre conversas sinceras.

O presente sustenta
As lembranças do passado
E os sonhos e esperanças do futuro.

O gênio é invisível
Aos olhos dos medíocres.

Tenho opiniões, não certezas.
Sinto-me livre para mudar.

Arriscar impossíveis.
A imaginação cria o inédito.

Quando jovem, perguntava:
- Quem sou eu?
Hoje, apenas sou.
Ser quem não é necessário.

Com as palavras
Fabricamos impossíveis.

O tempo-arqueiro
Dispara sua flexa.
Qual o seu alvo?

Caos – os átomos em férias.

Seres e coisas
Pedaços ilusórios
Do espaço indivisível.

Os átomos são deuses pagãos:
Estão em tudo
E não param de criar.

Não me contem segredos.
Bastam-me os meus.

Meu tempo é precioso.
A maior parte dele
Gasto comigo.

Hoje boio
Mais do que nado
Nas águas do tempo.

Sou comodista.
Sigo, da natureza,
A lei do menor esforço.

Na minha infância,
Uma professora
Deu-me o seu retrato.
Acho que ela foi
Minha primeira namorada.

Ainda bem que esqueci
Muitas lições que me ensinaram.
Nunca senti falta delas.

Confiar é um risco.
Não confiar, uma dúvida crônica.

Não se pode fazer algo no futuro.
Ninguém ainda chegou lá.

Doce pecado.
Salgada virtude.
Um causa diabete,
A outra, hipertensão.

Ninguém é líder
Em qualquer situação.

Algum dos estados da água
É “superior” ao outro?

Só existe o que estamos fazendo.
E enquanto fazemos.

Somos viciados
Em fantasias e esperanças.
A realidade, às vezes, dói.

Ler um livro
É ressuscitar
O autor falecido
Em cada leitura.

A vida é uma unção.
Tudo o mais
É nossa invenção.

O melhor contato
É o tato.
Sensualidade em ação.

Filhos do Tempo.
Não sobreviveremos
Na Eternidade.

Ninguém nos salvará
Da nossa condição humana.
Gurus e Avatares fracassaram.

O nosso pecado original
É a tentação pelo saber.
Os ignorantes herdaram o Céu.

Decepciono-me
De ainda me decepcionar
Do ser humano.

Importa viver.
Sobreviver à morte
Não é importante.

Ser coerente não é obrigatório.
Não me importo
Em ser contraditório.

Nadamos ou a correnteza nos arrasta
Sem que nos apercebamos?!

Padrões de formas
Parecem imortais.
Sempre se replicam.

O acaso nos conforta:
Nem tudo é determinado.

Há mistérios verdadeiros
E mistérios inventados.
Os tolos não sabem distingui-los.

A vida é autofágica:
Alimenta-se de si mesma.

Quem nunca teve uma paixão,
Merece compaixão.

Não há rotinas iguais.
Apenas semelhantes.

Prever os fatos?
Prefiro o inédito.

Impossível saber
Tudo o que é possível.

Sou contraditório
Porque sou muitos.

Relembras as primaveras
Quando ainda Eros eras?

A Vida, qual Penélope,
Desfaz à noite
Tudo o que fez no dia.

Estamos todos de passagem.
Não há pouso definitivo
Na nossa infinita Viagem.

Na velhice, o receio:
É possível ficar mais feio.

Oculto em nós,
Há um pássaro,
Querendo voar,
Querendo cantar.

A vida, rotina,
Mas também milagre.
Ora vinho,
Ora vinagre.

Eu e meu violão,
Parceria de carne e madeira,
Duetto em cada canção.

O zelo com as coisas materiais.
Falta tempo para se cuidar
De questões transcendentais.

Há situações em que o corpo
É a prisão perpétua
Do ser humano.

O êxtase é mudo.
Falar é sacrilégio.

Discordem de mim,
Mas usando a razão
E não a emoção.

A nudez do corpo é fácil.
A alma nunca se despe.

Quando me esqueço de mim, sou eterno.

Se tudo é sonho, o sonho é real.

Viver por todos os evos,
É o sonho dos longevos

Afinal, para que convencer os outros das nossas
convicções?!

Religião: um mínimo de razão, um máximo de emoção.

Mais importante do que vemos é o que interpretamos do
visto.

A vida é um mistério:
Prefiro vivê-lo
Do que tentar compreendê-lo.

Que a vida se celebre
Na mansão ou no casebre.

A velhice é o exílio
Das paixões e do idílio.